

Menstruapps e possíveis interseções entre corpo, tecnologia, política e gênero¹

Gabriela Cabral Paletta (UFRJ)

Palavras-chave: ciclo menstrual; tecnologia; gênero.

INTRODUÇÃO

Quando procuramos por palavras-chave como menstruação, ciclo menstrual e calendário menstrual na *Apple iTunes Store* e na *Google Store* estadunidenses já aparecem mais de mil resultados de aplicativos relacionados, entre *apps* pagos e gratuitos. De todos esses aplicativos, ainda segundo a pesquisa feita por Moglia e colegas (2016), apenas um dos aplicativos gratuitos se reportou ao envolvimento de profissionais da saúde e disponibilizou para os usuários e usuárias a literatura que o fundamenta.

Dentre suas diversas finalidades e funções, estes aplicativos têm em comum alguns objetivos, como o de estimar as datas prováveis de ovulação e de menstruação. Eles se pretendem eficazes, por serem cientificamente fundamentados, tanto para fins contraceptivos quanto para quem deseja engravidar, e cada aplicativo se propõe a atingir esses objetivos de maneiras distintas.

A criação e disponibilização global destes aplicativos para monitoramento do ciclo menstrual (que chamarei de *menstruapps*), faz com que muitas questões possam aparecer e ganhar visibilidade, pedindo um outro tônus de nossa parte para compreendê-las em sua complexidade. Gostaria de dar aqui especial atenção às questões relacionadas ao ativismo menstrual e feminismos, assim como debates políticos que remetem à saúde da mulher, direitos sexuais e reprodutivos e aos direitos do consumidor.

A forma como as mulheres entram em contato com seu próprio corpo pode estar mudando através de uma combinação de toques sobre uma tela sensível. As fronteiras do corpo estão borradas, tal qual as nossas digitais sobre o *blackmirror*. Mas que ciclo menstrual é esse que é monitorado? Essas ferramentas, cujo combustível são os dados *des usuáries*²,

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

² Ao longo do texto, você poderá se deparar com algumas palavras com uma formatação diferente ou com algumas vogais diferentes das usuais. As palavras que estarão em *itálico* são palavras de outro idioma e que

também funcionam como laboratórios para a observação de padrões fisiológicos e comportamentais, que começam pela frequência da menstruação e de sintomas associados, até hábitos off-line. De que menstruação estamos falando agora, uma vez instrumentalizada por aplicativos móveis?

As informações e sintomas que os desenvolvedores do aplicativo consideram relevantes para precisar os dias férteis e os dias de menstruação (como por exemplo: muco vaginal, temperatura basal, compatibilidade com a utilização de contraceptivos hormonais, variação de peso, variação de humor, nível do apetite, mudança em aspectos da pele, inchaço, dias em que houve relação sexual, etc.), as propagandas vinculadas dentro dos aplicativos, o design, a produção de gráficos, função de compartilhamento de informações com parceiros e/ou médicas, senha de bloqueio do aplicativo, preço do aplicativo, possibilidade de fazer compras dentro do próprio app, função de *chat*, dentre outros, faz com que “menstruação” e “ciclo menstrual”, enquanto categorias, sejam performadas de novas maneiras.

A motivação de seguir com este estudo passa pela ideia de fazer uma pesquisa comprometida com determinados rigores e metodologias científicas (afinados, sobretudo, com a crítica feminista da ciência) para que menstruantes³ que lançam mão desta tecnologia no seu cotidiano possam ter acesso a um material que provoque reflexões, e que possa contribuir de alguma maneira com a produção científica ao construir os aplicativos móveis como um objeto de interesse socioantropológico.

não foram traduzidas. Outros momentos, opto aqui por usar a vogal “e” (e apenas a vogal em itálico na palavra) para marcar uma aposta política de escrita no gênero neutro não-binário para fazer as devidas concordâncias com o sujeito da frase cujo gênero não seja propositalmente marcado. Na língua portuguesa, diferentemente da língua inglesa por exemplo, não há um gênero neutro, mas há uma predominância normativa sexista pelo uso do gênero masculino para substantivos plurais ou quando há algo do gênero masculino num coletivo de substantivos femininos. Esta é uma aposta que vem diretamente do uso da escrita virtual, que no seu uso corrente não precisa se comprometer tão fortemente com as normas gramática portuguesa, e vem gerando repercussões em outras mídias, como na televisão e em propagandas. A opção pelo “e” e não pelo “@”, como investiram alguns movimentos feministas na intenção de integrar o “a” e o “o”, vem da crítica dos movimentos sociais anticapacitistas que acusam que os softwares de tecnologia assistiva (que leem os textos para cegos e pessoas com deficiência visual, por exemplo) travam ou não conseguem ler algarismos alfanuméricos no meio das palavras. Como este projeto também trata justamente do envolvimento de pessoas com estes softwares disponíveis, fica justificada aqui a minha escolha

³ Escolho o termo “menstruante” (ou *menstruator* como sugere Cass Clemmer, educador, artista e ativista transsexual) para me referir àqueles corpos que possuem um ciclo menstrual, independentemente de seu sexo ou gênero. A aposta aqui é escapar de algumas construções do discurso que nos levam a inferir que menstruação é algo da essência feminina ou que só se é mulher uma vez que se experimenta um determinado ciclo de variações hormonais. Desvincular a menstruação do “corpo feminino” ou da “mulher”, é aqui uma estratégia política que tenta trazer visibilidade a outros corpos possíveis – uma vez que nem toda mulher menstrua e nem toda pessoa que menstrua é uma mulher cisgênera. Homens transexuais e pessoas não-binárias, por exemplo, também podem ter ciclos menstruais mensais e regulares.

Para tal, começarei este texto introduzindo brevemente um recorte do que tem sido produzido e discutido acerca do ciclo menstrual da perspectiva socioantropológica, tentando localizar assim as alianças e parcerias que ajudam a trazer sustentação teórica para pensar o ciclo menstrual como questão de pesquisa. Em seguida, visando compreender como que muitas vezes os *menstruapps* são vinculados à ideia de autonomia, empoderamento e controle através do “conhecimento do próprio ciclo”, discuto brevemente o ativismo menstrual que Bobel (2008) localiza nos Estados Unidos para traçar paralelos entre as questões levantadas nesse movimento e como podemos repensar quais são as questões que se colocam para nós hoje, através dos aplicativos menstruais no Brasil. Desta maneira, após situar a discussão em um diálogo com o “mito” do ciborgue para articular gênero, tecnologia e corpo, levantarei alguns breves dados preliminares relacionados aos *menstruapps* em questão para localizar questões e indagações que este processo de pesquisa tem trazido.

CICLO MENSTRUAL COMO QUESTÃO

Como colocam Daniela Manica e Clarice Rios (2016) em seu artigo que discute a (in)visibilidade do sangue menstrual e performances menstruais, corpos sangram, e outros, que são pela medicina ocidental possuidores de órgãos como “ovários”, “útero” e “vagina”, o fazem com alguma regularidade. Existem sangramentos que estão envolvidos em situações como aborto, pós-parto, outros que são produzidos por hormônios contraceptivos e há ainda, entre outros, um tipo de sangramento que está associado à fertilidade e reprodução (MARTIN, 2006): o sangue menstrual.

Para estas primeiras autoras, o poder simbólico e as questões emocionais que o sangue mobiliza não explicam por si a atenção especial que o sangue menstrual tem recebido, sobretudo nos últimos anos, em que ele tem se tornado um elemento central em diversas performances artísticas e arte corporal. A visibilidade que o assunto vem ganhando nas mídias sociais (como Facebook e Instagram, por exemplo) tem levantado diversos debates. Para Bobel (2010), uma tendência geral de transformar a menstruação em uma experiência compartilhada publicamente é agora considerada parte importante de uma reconfiguração do movimento feminista.

Letícia Wons (2016) coloca em questão, por sua vez, através de uma reflexão acerca da luta do poder simbólico sobre a menstruação, uma série de afirmações sobre natureza,

corpo e gênero – que são uma pauta clássica na Antropologia. Os saberes veiculados sobre o fenômeno menstrual se dão, na nossa sociedade, em diferentes ordens, segundo esta autora: des menstruantes, do senso comum, da ginecologia, da indústria de dispositivos higiênicos, da grande mídia, dos livros didáticos, da escola, da academia, entre outros. Estes discursos não são puros em si, mas são imbricados e afetam uns aos outros. De maneira geral, em sua pesquisa, a autora afirma:

A menstruação é percebida como algo negativo, como um fenômeno repugnante e incômodo que não pode ser discutido em público, não deve ser mencionado nem evidente nos espaços de educação e trabalho, é percebida como responsável por alterações comportamentais que relegam as mulheres ao âmbito do emocional e do irracional. Essa percepção reforça estruturas de poder em nossa sociedade nas quais as mulheres são inferiorizadas. (WONS, 2016, p. 50)

Em nossa sociedade, discrição tem sido um imperativo no que concerne à menstruação. Esconder as evidências de estar menstruada e não conversar sobre o assunto são traços de uma etiqueta menstrual que impõe uma constante autodisciplina sobre o comportamento de determinados corpos. Aqui a etiqueta menstrual está definida como:

[...] normas que prescrevem quem pode falar o que sobre menstruação, que tipo de linguagem é apropriada e o que não deve ser dito sob nenhuma circunstância; são regras que recomendam o uso de determinados produtos, como eles devem ser adquiridos, carregados, estocados, descartados e referidos nas conversas. Ao tratar dessas regras, Young (2005) propõe uma reflexão sobre a opressão social das mulheres enquanto pessoas que menstruam, destacando a vergonha associada à menstruação ao lado dos esforços por esconder seus sinais e o desencaixe entre mulheres e os lugares públicos, como escolas e ambientes de trabalho, que se recusam a acomodar suas necessidades. (Wons, 2016, p. 43)

Wons ainda argumenta que em nossa sociedade recebemos constantemente a mensagem de que as mulheres podem e devem participar da mesma maneira que homens nas atividades sociais, que nossa fisiologia e o fato de menstruarmos não deve ser motivo de impedimento de atuação no espaço público, mas que ao mesmo tempo somos constantemente intimidadas a jamais revelar a condição de estarmos menstruadas.

A oferta atual de produtos para atender ao ciclo menstrual é das mais amplas e variadas. O advento dos tampões, por exemplo, segundo Owen (1994), cumpriu uma função imprescindível, pois as mulheres então não precisariam nem mais olhar para seu sangue. Inúmeros dos “maravilhosos” produtos frutos do “progresso” da medicina e da higiene possibilitaram fingir que, biologicamente, não se “era realmente uma mulher”. Owen chama esse tipo de tecnologia (como os tampões, desodorantes vaginais, drogas analgésicas e antidepressivas) de “tecnologia de desconsideração”, que tem atuado em conjunto com o

mito da “supermulher” – atitude cultural de que a pessoa menstruada não é diferente daquelas que não menstruam.

Nos últimos anos, entretanto, tem surgido alguns produtos de higiene menstrual com fundamentos que por vezes superam o argumento de objetivo rentabilidade econômica e propõem maneiras de viver a vida “mais saudável”, livre, ecológica, socialmente engajada, anti-sistêmica e resultante do empoderamento (FELITTI, 2016). Assim podemos contar com o uso de drogas para aliviar dores e desconfortos, físicos e emocionais, mas também conseguimos alternativas ligadas à ginecologia natural e medicina ancestral. O sangramento pode ser tratado com diferentes dispositivos como os tampões ou absorventes industriais, mas as alternativas "naturais" crescem com a comercialização de toalhas de pano e copos de silicone. Karen Felitti é convidada aqui para nos ajudar a lembrar de outros artefatos culturais, como livros e documentários, também colaboram a construir significados sociais do ciclo menstrual e seus correlatos na vida das mulheres, além das oportunidades de troca sobre essas experiências que têm sido geradas virtualmente (como em grupos no *Facebook* (KLÖPPEL, 2016; SANTOS, 2018), grupos de *Whatsapp* e presenciais (workshops, círculos femininos).

Felitti também nos recorda que a recepção deste tipo de tecnologia é da mais diversa. Crianças em idade escolar que recebem informações sobre isso, tendem a ter acesso a uma abordagem predominantemente biomédica, levada por seus professores ou por profissionais de saúde que participam de projetos financiados por empresas de higiene feminina, como a *Johnson & Johnson*. Assim, a palestra explicativa serve como um prelúdio para promover os produtos da empresa e, assim, colabora com a visão predominante nas sociedades pós-industriais urbanas sobre a menstruação: “um ritual econômico em vez de um ritual social” (BRUMBERG apud FELITTI, 2016, p.178). É este mesmo panorama que podemos encontrar agora no Brasil com a marca Sempre Livre, também da empresa *Johnson & Johnson*, que agora com a sua nova campanha nas redes sociais *#semprejuntas*⁴, vem promovendo programas ao vivo transmitido em diversas plataformas (como *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*) além do recente lançamento de um documentário feito em 5 episódios⁵, trazendo as maneiras como cinco garotas de diferentes partes do hemisfério sul lidam com sua própria menstruação.

⁴ <https://www.semprelivre.com.br/sempre-juntas>

⁵ <https://www.nossosanguenossocorpo.com/>

A menstruação carrega um forte poder simbólico no imaginário de nossa sociedade e uma reflexão sobre os agentes que produzem os conhecimentos sobre menstruação é essencial para compreendermos a dimensão em que o discurso científico carrega valores sexistas e consegue influenciar as percepções das mulheres sobre seus próprios corpos, assim como a percepção da sociedade sobre o que é ser mulher. (WONS, 2016, p. 52)

Neste sentido, é imprescindível trazer o argumento de Emily Martin ao pensar metáforas médicas do corpo da mulher. Ela afirma que o desenvolvimento da nova biologia molecular trouxe metáforas adicionais baseadas na ciência de informação, gerenciamento e controle. Mobilizando a metáfora do corpo como fábrica que produz substâncias, Martin mostra como a descrição da comunicação celular do DNA com o RNA, que tem por objetivo único a produção celular de proteínas, se assemelha ao sistema de comunicação que envolve a reprodução feminina, que se volta para a produção de uma série de coisas: os ovários produzem estrogênio, a pituitária produz o hormônio folículo-estimulante (FSH), os folículos produzem óvulos (embora muitas vezes o processo seja descrito como “amadurecimento”). Considera-se, além disso, que o sistema é organizado com o único objetivo de “transportar” o óvulo em sua viagem do ovário até o útero e “preparar um lugar adequado para o óvulo crescer, caso seja fertilizado” (MARTIN, 2006, p.90).

Essa interpretação teleológica explicaria, para a autora, as descrições de “queda” de progesterona e estrogênio no sangue, que “priva” o “revestimento endométrico altamente desenvolvido de seu apoio hormonal”, a “constrição” dos vasos sanguíneos leva a um abastecimento “reduzido” de oxigênio que, por fim, termina com a “desintegração” do revestimento do útero com o fluxo menstrual.

Talvez uma das razões por que a imagem negativa de produção fracassada está associada à menstruação seja precisamente o fato de que as mulheres ficarem, em um sentido de certa forma sinistro, fora de controle quando menstruam. Elas não estão reproduzindo, não estão dando continuidade à espécie, não estão se preparando para ficar em casa com o bebê, não estão providenciando um ventre quente e seguro para abrigar o esperma do homem. (MARTIN, 2006, p.94)

A construção desses eventos em termos de um objetivo que fracassou, considerar a menstruação como uma produção que deu errado, para Martin, contribui para uma visão negativa dela. A autora ainda afirma que este método de descrição médica apenas garante que uma interpretação se adeque a um fato. Ao fazer da gravidez o objetivo final para o qual está programado o sistema, a menstruação (assim como também a menopausa) se torna um desperdício, um produto descartável, invendável e inútil, advindo de uma falha nessa

produção. “A partir do século XIX, a ideologia da produção concretizada nas fábricas é tão abrangente que chega aos corpos. Os corpos das mulheres passam a ser pensados, nos textos médicos principalmente, como fábricas para a produção de filhos” (ROHDEN, 1998, p. 132). Dentro desse sistema, a menstruação se torna algo debilitante, uma patologia, não apenas medicalizável mas algo que se torna necessário controlar. Reprodução, fertilidade, menstruação são categorias que performam gênero (e gênero considerado como uma tecnologia discursiva, inclusive), o que faz com que determinados corpos sejam alvo de intervenção e controle.

É preciso, em última instância, “ajustar” as engrenagens deste corpo “de mulher” – que em momento nenhum chega a ser homogêneo. O corpo da mulher burguesa, por exemplo, deve ser ajustado para ser uma boa mãe, uma boa dona de casa e boa esposa. O corpo da mulher proletária, além da boa mãe, deve cumprir metas, produzir por horas e mais horas em chão de fábrica e outros contextos de trabalho assalariado. O modelo de corpo que rege esses saberes e práticas tem a ver com a imagem padrão de “sujeito”, o homem branco europeu, heterossexual, cisgênero.

Neste sentido, o corpo incontrolável e misterioso da mulher pode mais uma vez ser visto como improdutivo. Como resume Owen (1994),

A condição alterada que a menstruação pode conduzir uma mulher não é compatível com a vida industrial automatizada, [...] realizando tarefas esquemáticas e organizadas. A menstruação é previsivelmente imprevisível. Nunca sabemos exatamente quando ela virá, e às vezes ela é uma absoluta surpresa. Não somente é indiferente a horários e esquemas – é também suja. Droga! (p. 80)

A menstruação, deste modo, se constrói para as mulheres como um fato inconveniente, um erro com o qual se deve lidar e não como um aspecto de seu ser enquanto sujeito (WONS, 2016). Esse tipo de alienação corporal pode provocar uma fragmentação do que é “eu” e do que é “corpo” de maneira tal que acaba por reforçar a sensação de que os processos físicos e emocionais da menstruação são fora de controle. Nessa perspectiva, o fluxo sanguíneo assim como os outros processos fisiológicos, tais como a menopausa e o trabalho de parto, são percebidos como estados pelos quais as mulheres “passam”, ou fatos que “acontecem com elas”, e não “ações que elas realizam” (MANICA, 2006).

PANORAMA GERAL DOS APLICATIVOS

Agora, apostando na transição do paradigma do “ajuste” do corpo desregulado para um paradigma do “(auto)monitoramento” através de tecnologias de produção e armazenamento de dados, gostaria aqui de apresentar os aplicativos que estão sendo analisados na minha pesquisa de mestrado e que estão presentes como pano de fundo para disparar as próximas discussões: 1) o “Calendário Menstrual” da *Simple Design Ltda.*, que estava em 3º lugar entre os mais baixados, com mais de 50 milhões de downloads; 2) o “Clue Calendário do ciclo menstrual e ovulação”, desenvolvido pela *BioWink GmbH*, com 10 milhões de downloads; 3) o “Calendário Menstrual Flo, Gravidez, Período Fértil” (doravante Flo), oferecido pela *Owhealth, INC.* com também mais de 10 milhões de downloads, em 5º no ranking; e 4) o “Luna – Rastreador de Menstruação & Ovulação” da *tinyChangeCompany* com mais de 100 mil downloads desde sua criação. Vale aqui ressaltar que este ranking é datado de 28/11/2017 e foi feito pela própria *Google Play Store*, tendo como recorte a quantidade de downloads feitos de cada aplicativo, não sendo levado em consideração quantas pessoas de fato usam os aplicativos ou mesmo de quais dispositivos esses downloads foram efetuados.

O Calendário Menstrual (1) apresenta sua função como sendo “avisar o próximo período e fertilidade, fácil de engravidar ou evitar gravidez”. O Clue (2), por sua vez, se define resumidamente como sendo “reconhecido por médicos como o melhor app gratuito de monitoramento menstrual”. Já o Flo (3) afirma ser uma “calculadora para mulheres: gravidez (gestação), ciclo menstrual, ovulação, TPM”. E o Luna (4) se coloca como “melhor rastreador de menstruação & parto para mulheres”.

1) Calendário Menstrual

Foram dadas nas perguntas preliminares marcar a opção de estar grávida, ativar lembretes (da próxima menstruação, da hora de tomar pílula anticoncepcional, alerta fertilidade, alerta de ovulação e alerta de inserir menstruação), personalizar os itens do calendário ou mesmo as emoções e sintomas. O aplicativo oferece 40 opções de idiomas, sendo que para a língua portuguesa há a opção português do Brasil ou de Portugal. Ele também gera e exporta “documento para o médico” por *e-mail*.

A parte de definições também dá acesso a fóruns exclusivos para usuáries do aplicativo (que inclui principalmente divulgação de grupos de Whatsapp – que vão desde grupos de pessoas que estão tentando engravidar (“tentantes”), a grupo terapêutico oferecido

por uma “psicóloga” anônima, grupos para falar sobre sexo com troca de fotos íntimas (“nudes”), fóruns com mulheres que se apresentam como ginecologistas, até grupo sobre aborto, entre muitos outros).

Não tem que aceitar nenhum termo ou política de privacidade para começar a usar o aplicativo. Para encontrar, foi necessário procurar o site do desenvolvedor como quem precisa de ajuda e só lá tive acesso às políticas de privacidade deste aplicativo.

2) Clue

Este *app* afirma usar a ciência e dados para ajudar você a descobrir os padrões únicos do seu ciclo. Ele te lembrará sobre sua menstruação, TPM e janela fértil”. Segundo eles, “Clue é classificado como o *top app* gratuito de monitoramento menstrual pelo jornal da obstetrícia e Ginecologia, uma publicação do *Colégio Americano de Obstetras e Ginecologistas*. Já na *iTunes Store*, Clue é apresentado como “um rastreador de ciclo menstrual” que prevê as datas do seu próximo ciclo, TPM e os dias nos quais você tem uma maior probabilidade de engravidar. “O seu humor está ligado ao seu ciclo?”, eles indagam. “Apenas controle os itens sobre os quais você quer saber mais, que o Clue toma conta do resto. *Beautifully scientific.*”

O Clue se propõe a ser usado para saber quando chega a próxima menstruação, obter lembretes sobre TPM e período fértil, descobrir os padrões únicos do seu ciclo, monitorar sexo, humor, fluido cervical, pílulas anticoncepcionais e temperatura corporal basal e ainda oferece a opção de conectar-se com “parceir@s, amig@s e família” como uma proposta de “abrir-se a conversa sobre saúde menstrual”.

Este aplicativo também inclui a garantia de que “não haverá florzinhas, borboletas, eufemismos e cor-de-rosa – jamais”. Além disso, descrições detalhadas sobre o ciclo menstrual, com referências médicas e científicas, 28 categorias de rastreamento, incluindo a menstruação, cólicas, emoções, peso, pele, cabelo, sono, exercício, energia, desejos, entre outros que apresentarei adiante. O Clue possui um algoritmo que “aprende com as informações que você insere” e promete que quanto mais você usá-lo, mais inteligente ele ficará. Como um diferencial, este aplicativo oferece a opção de criar uma senha personalizável como uma ferramenta para “aumentar” a sua privacidade e a opção de criar uma conta para fazer *back up* dos seus dados ou se conectar ao sistema de diferentes aparelhos.

3) Flo

O *Flo fem* Monitorador de Menstruação (*period tracker*) é apresentado como sendo “100% gratuito, e uma maneira inteligente e simples para a mulher acompanhar seu ciclo menstrual, período de evolução e gravidez.” Ainda de acordo com a apresentação do aplicativo no *Google Play*:

Flo fem é um rastreador da menstruação, calculadora de ovulação e de gravidez que faz previsões precisas e confiáveis da menstruação, período de ovulação e dias férteis. É a primeira calculadora menstrual que usa aprendizagem automática (IA) para a mulher. Todas as mulheres, mesmo aquelas com ciclos irregulares, podem confiar neste aplicativo de monitoramento da saúde. Registre sua menstruação em um calendário menstrual acessível, agende lembretes do ciclo menstrual, grave humor e sintomas da TPM, use a calculadora da data prevista, o calendário de ovulação, de gravidez, pico de fertilidade e controle totalmente sua saúde.

Este aplicativo propõe fazer isso através de um calendário menstrual em português, com registros da data de início, de término e fluxo menstrual. Também é possível acompanhar sua janela fértil e seu período de ovulação para ver sua chance de engravidar com uma calculadora fértil e de ovulação. Além disso, é possível monitorar sua temperatura corporal basal (TCB) e sintomas para obter previsões melhoradas. O Flo tem o diferencial de também servir para monitorar a gestação através de um calendário gestacional, “ideal para mulheres grávidas”, segundo a própria descrição do aplicativo.

Como informações que, ao serem alimentadas deixam o Flo mais esperto, ele propõe monitorar peso, sono, quantidade de água ingerida, sexo e desejo sexual, humor, sintomas, corrimento vaginal, outro (que inclui viagem, estresse, doença ou ferimento, álcool), atividade física, resultados de testes de ovulação e/ou gravidez, contraceptivos orais (pílula tomada na hora certa ou “pílula do dia anterior”, que significa pílula atrasada e nada tem a ver com a pílula do dia seguinte. É possível criar lembretes para a opção da pílula), outras pílulas não contraceptivas e temperatura basal (em gráfico).

4) Luna

Luna se apresenta na loja do *Google Play* (este aplicativo, ao contrário dos outros, é o único que só está disponível para *Android*, todos os outros também são suportados no sistema operacional da *Apple*) como sendo um rastreador inteligente de menstruação, que ajuda a ver o período menstrual anterior e oferece “informações precisas sobre a menstruação seguinte, ovulação e datas de fertilidade”. Eles dizem que não importa se você só quer acompanhar o seu ciclo, ou saber o melhor momento para engravidar, ou marcar o seu modo de controle da natalidade, “Luna sabe lidar com seus problemas”.

Para ilustrar esses possíveis “problemas”, a descrição do aplicativo continua com algumas questões e provocações como: “Você já se esqueceu da data da menstruação e ficou com vergonha de procurar um absorvente?”; “Quer saber se a sua menstruação está normal ou não?”; “Quer descobrir as suas datas de ovulação e de fertilidade para aumentar a possibilidade de gravidez?”; “Quer entender o seu corpo de modo claro e abrangente?”.

“Digitando”, verbo escolhido pelos desenvolvedores, suas informações gerais a respeito da data da menstruação, Luna analisa e prevê seu ciclo, menstruação, ovulação e datas de fertilidade. Quanto mais informações precisas você fornecer, mais precisas eles prometem que serão as previsões que fizerem. É através de registros da frequência das relações sexuais, do modo de controle da natalidade que você usa, e se chega ao orgasmo ou não, por exemplo, que se propõe acompanhar “a sua deliciosa vida sexual de agora em diante”.

Além de marcar quando começa e termina a menstruação, você também pode registrar muitas outras coisas, tais como fluxo, cólicas, relações sexuais, mudanças de humor, temperatura, peso, horas de sono, hábitos esportivos etc. Por conseguinte, está escrito no momento da compra do aplicativo, “você pode ter o seu próprio diário de menstruações”. Ademais, são fornecidos mais de 30 tipos de expressões sobre seu humor e seus sintomas, para você poder escolher os melhores para descrever seus sentimentos e sua situação.

ATIVISMO MENSTRUAL E A QUESTÃO DA AUTONOMIA

Muitas vezes os *menstruapps* são vinculados à ideia de autonomia, empoderamento e controle através do “conhecimento do próprio ciclo”. A autonomia de conhecer o próprio ciclo, segundo as descrições dos aplicativos escolhidos na loja virtual, está intimamente vinculada a questões de se “prevenir de incidentes”, não passar por “situações embaraçosas” (como aparece escrito nas primeiras interações com o aplicativo Flo, por exemplo) ou vergonha ao ser pega “desprevenida” com sua própria menstruação.

Gostaria de convidar Bobel e seu artigo, em que faz um trabalho precioso ao trazer uma narrativa histórica do movimento de ativismo menstrual nos Estados Unidos num recorte de data que vai desde os anos 1971 até 1992, para ajudar a compor este nosso panorama histórico de criação e desenvolvimento de tecnologias e lutas (BOBEL, 2008). Neste texto, a autora aponta que a tentativa de trazer o cuidado do ciclo menstrual e da saúde

da mulher para fora de um sistema médico projetado, mantido e dominado principalmente por homens, foi uma pauta que surgiu para além do mercado e as necessidades de redução de gastos com saúde por parte do Estado.

Uma das tentativas de parte do movimento feminista americano era fazer com que a centralidade de determinados saberes, como o saber médico ginecológico, fosse questionada através de um movimento de organização e compartilhamento de saberes que estavam sendo produzidos localmente através da partilha e sistematização de outros saberes que elas possuíam, como aqueles que eram construídos sobre seus ciclos menstruais e observação do próprio corpo, por exemplo. Mais autonomia e liberdade para que cada menstruante tomasse as rédeas de seu próprio corpo, descentralizar um saber hegemônico e viver o ciclo de maneira mais “natural” eram algumas das questões importantes para as ativistas da época.

A autora localiza o nascimento do movimento de ativismo menstrual nos Estados Unidos se deu no início da década de 1970, quando 13 mulheres se juntaram para fazer um “Bleed-in”⁶ e começaram a questionar os filmes educativos sobre menstruação que foram produzidos pela própria indústria de produtos de higiene menstrual. Um dos pontos-chave deste movimento, tão divergente mesmo internamente, ficou registrado na produção de literatura “feita por mulheres e para mulheres”, como o livro *Boston Women’s Health Book Collective* (BWHBC), que mais tarde se tornou fonte definitiva para ajudar a pensar a saúde por um viés feminista sob o título de *Our Bodies, Ourselves* (OBOS) em 1973.

Depois disso, no decorrer das décadas, este movimento ativista conseguiu reuniões e trabalhos importantes juntos ao governo e à indústria do *femcare*⁷ para discutir a

⁶ Bleed-in é um trocadilho feito a partir do “Sit-In”, que se consiste em uma forma de ação direta não-violenta envolvendo ocupar um espaço em protesto e popularizado nos anos 1960 e 1970 (BOBEL, 2008). O Bleed-in se consistia em uma reunião de mulheres cisgêneras em um espaço público para sentar, sangrar e jogar com os riscos de colocar em evidência alguns tabus a respeito da menstruação em forma de protesto. Hoje essa maneira de ação direta vem ganhando novas dimensões: em 2015 Kiran Gandhi, artista e ativista, por exemplo, correu sua primeira maratona em Londres sem usar absorventes durante seu período menstrual e ganhou visibilidade global. Já Cass Clemmer, educador, artista e ativista trans, fez uma performance em Washington no dia da visibilidade trans do ano de 2017 em que ele deixava sua menstruação correr livremente enquanto estava sentado numa praça pública. Ele também tem feito uma campanha importantíssima para desvincular a menstruação do corpo “feminino” através de sua conta no *Instagram @tonithetampon*.

⁷ *Femcare* se refere aqui à indústria de produção de absorventes, tampões, sabonetes íntimos e produtos de “higiene feminina”. Owen (1994) chama de “tecnologia de desconsideração” (os tampões, desodorantes vaginais, drogas analgésicas e antidepressivas), que tem atuado em conjunto com o mito da “supermulher” – atitude cultural de que a mulher menstruada não é diferente daqueles que não menstruam.

importância de se padronizar os níveis de capacidade de absorção e seus possíveis efeitos colaterais dos absorventes e tampões produzidos. Ativistas feministas juntamente a advogadas do direito do consumidor participaram de mesas de negociação e desenvolveram escalas para informar as consumidoras sobre a capacidade de absorção e sobre os riscos que os tampões de alta absorção traziam, como a Síndrome do Choque Tóxico – que apareceu junto às inovações e promessas de superabsorção do fluxo sanguíneo (BOBEL, 2008).

As consequências deste desenvolvimento tecnológico a qualquer custo e pouco regulado, parte por entender que absorventes eram uma questão simples de higiene e não de saúde e de políticas públicas, afeta diretamente a vida de muitas mulheres. Neste sentido, a atuação de militantes feministas e ativistas tem um papel fundamental na construção de uma intervenção e a via mais efetiva, neste caso, foi através da defesa dos direitos dos consumidores. Entretanto, ainda com ações bastante limitadas para incluir no debate menstruantes que não tivessem acesso a estes produtos por questão de classe social ou gênero, por exemplo.

Agora, segundo Lupton (2014), o termo “saúde digital” (ou *eHealth*, *mHealth*, *Health 2.0* ou *Medicine 2.0*) tornou-se realidade e é frequentemente utilizado para descrever as várias formas em que as tecnologias digitais podem ser empregadas na medicina e na saúde pública. Escritos recentes sobre saúde digital apresentam um futuro em que as tecnologias digitais são capazes de promover o engajamento de paciente e incentivar as indivíduos a monitorar seus corpos no interesse da medicina preventiva e do autocuidado, melhorando não apenas a saúde e os cuidados de saúde, mas reduzindo os gastos com saúde. Neste momento, mulheres norte-americanas pautam uma agenda de construções de alternativas para o cuidado da saúde da mulher para além da medicina masculinista, racista e heterocentrada, pensando mais na autonomia da mulher e no autocuidado. É importante situar o surgimento dos aplicativos de monitoramento de ciclo menstrual tendo em vista esse contexto.

Os defensores dessas tecnologias descrevem os benefícios que eles vêm ao se "digitalizar o paciente" ou transformar informações sobre o corpo das pessoas em bancos de dados digitais. É sugerido por esses comentaristas o objetivo de desenvolver tecnologias baseadas em sensores e *wearable devices* (computação vestível, em tradução livre). A ideia principal destes dispositivos é que a tecnologia esteja sempre disponível e conectada ao corpo da pessoa. São exemplos desta tecnologia relógios inteligentes, como o *FitBit* e *Apple*

Watch, camisetas com leitura de batimentos cardíacos e nível de estresse, camisetas com fones de ouvidos e óculos (como o Google Glass) que permitem realizar ligações, gravar vídeos, utilizar serviços de GPS e até tirar fotos com uma piscada de olhos com o potencial tanto de produção de “dados pequenos” (dados detalhados que se coleta sobre si mesmo) quanto de “*big data*” (grandes massas de dados agregados), que informarão leigos e profissionais de saúde e de saúde pública, tornando menores os gastos com a saúde ao tentar tornar mais assertivo o momento da intervenção. Porém, estando nós aqui na América Latina, vale perguntar: quais podem ser as consequências de se priorizar alternativas que supostamente necessitariam de menos recursos humanos e financeiros?

Trago este brevíssimo histórico das lutas do ativismo menstrual como uma provocação para poder pensar a respeito de que tecnologia estamos falando quando analisamos aplicativos de monitoramento de ciclo menstrual. Quais cuidados e aprendizagens estas lutas trazem para que seja possível adotar estratégias que se permita efetivamente a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos?

O meu movimento em trazer esta discussão das ativistas norte-americanas é uma tentativa de articular e pensar quais os possíveis efeitos na vida e subjetividades de mulheres cisgêneras e pessoas transexuais dos países do Sul, como no Brasil, onde estes corpos enfrentam diversas marcas históricas da dominação branca eurocentrada, ao importarem aplicativos que supostamente serviriam como instrumento de autonomia na manutenção de sua saúde, mas que também monitora e armazena os dados de fertilidade e comportamento sexual de parcela da população. Entendo que oferecer acesso à informação e a “[...] Todas as –logias, –grafias, –nomias tornam-se então indispensáveis se elas servem para propor constantemente ao coletivo novas versões do que ele poderia ser, guardado o traço das singularidades” (LATOURETTE, 1994, p.297). A construção de autonomia entendida neste sentido de criação de mundo, traz questões importantes que são de cunho tanto afetivo, quanto físico e sexual, para esses grupos de pessoas.

CIBORGUES: CORPO, TECNOLOGIA E GÊNERO

Os aplicativos de acompanhamento e monitoramento menstrual representam mais uma variação dentre as tecnologias que sempre estiveram presentes para acompanhar o ciclo menstrual, como anotações em agendas, calendários, observação das fases da lua,

entre outros. Parto da perspectiva de que corpo, como propõe Latour (2004), é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um modo sensível, é dinâmico, é “a aprendizagem de ser afectado” (LATOURE, 2004, p.42). Na construção de seu argumento, Bruno Latour retoma a descrição de Geneviève Teil sobre o treino de “narizes” e sua articulação com o kit de odores:

O kit de odores é constituído por uma série de fragrâncias puras nitidamente distintas, dispostas de forma a poder passar-se do contraste mais abrupto ao mais suave. Para conseguir registar estes contrastes é necessário cumprir uma semana de treino. A partir de um nariz mudo, que pouco mais consegue do que identificar odores «doces» ou «fétidos», rapidamente se obtém um «nariz», ou seja, alguém capaz de discriminar um número crescente de diferenças subtis, e de as distinguir entre si, mesmo quando estão disfarçadas ou misturadas com outras. Não é por acaso que se chama «nariz» a esta pessoa. Tudo se passa como se pela prática ela tivesse *adquirido* um órgão que define a sua capacidade de detectar diferenças químicas ou outras: pelo treino, aprendeu a ter um nariz que lhe permite habitar num mundo odorífero amplamente diferenciado. As partes do corpo, portanto, são adquiridas progressivamente ao mesmo tempo que as «contrapartidas do mundo» vão sendo registadas de nova forma. (LATOURE, 2004: p. 41)

Desta forma, cabe pensar nas diferenças e que proposições estão sendo articuladas com os aplicativos de monitoramento de ciclo menstrual, à medida em que há um novo arranjo artificial para mediar os componentes artificiais e materiais que permitem progressivamente adquirir um corpo.

Em “O Manifesto Ciborgue”, Donna Haraway (2009), traz a metáfora do ciborgue para confundir as fronteiras entre a ficção científica contemporânea e também para a experiência vivida e a realidade social (compreendida aqui como relações sociais vividas, como uma construção política e também uma ficção capaz de mudar o mundo). O ciborgue é um organismo cibernético, híbrido de máquina e organismo. Ele vive em mundos que são ambíguos: habita tanto mundos naturais quanto fabricados. Haraway argumenta em favor do ciborgue como uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo que pode sugerir acoplamentos frutíferos. O ciborgue é texto, é máquina, é metáfora e corpo, todo integrado na prática como comunicação (HARAWAY, 1991).

Como nas tradições da ciência e da política ocidentais (generosamente marcadas pela autora pela tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens e pela tradição do progresso, que se apropria da natureza como matéria para produção da cultura) a relação entre organismo e máquina se constrói como uma guerra de fronteiras. Donna Haraway propõe então esta metáfora para argumentar a favor do prazer da confusão de fronteiras, bem

como em favor da responsabilidade da construção dos territórios de produção, reprodução e da imaginação que estão em jogo nessa guerra.

Para Haraway (1995), responsabilidade não está relacionada à culpa ou ao ressentimento enraizadas pela tradição cristã. Responsabilidade diz respeito à capacidade de responder àquilo que somos convocados e produzimos. Assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa, nestes termos, abrir mão de uma postura anticência, da tecnofobia e de uma demonologia da tecnologia para, assim, abraçar como desafio a tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes. Segundo esta autora, não se trata apenas da ideia de que a ciência e a tecnologia são “possíveis meios de grande satisfação humana, bem como uma matriz de complexas dominações. A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos” (HARAWAY, 2009, p.100).

Em “Manifesto Contrassexual” (PRECIADO, 2014), é apresentada a ideia de que a relação promíscua entre tecnologia e corpos é uma chave de análise importante para se escapar ao debate essencialista/construtivista sobre o corpo. Trata-se, então, de estudar de que modos específicos a tecnologia “incorpora”, “se faz corpo”.

Através de uma incorporação alucinatória de próteses, ou seja, o desejo de que este instrumento protético se torne consciente, a transição do modelo do robô para o modelo do ciborgue se torna possível. Uma vez que a prótese está dotada de sensibilidade fantasmática, que está incorporada a memória do corpo, o modelo mecânico que estabeleceria esta prótese como um simples instrumento é rompido.

Torna-se impossível estabilizar a prótese, defini-la como ou mecânica ou orgânica, como corpo ou como máquina. A prótese pertence por um tempo ao corpo vivo, mas resiste a uma incorporação definitiva. É separável, desenganchável, descartável, substituível. Mesmo quando é ligada ao corpo, incorporada e aparentemente dotada de consciência, a qualquer momento pode voltar à ordem do objeto. (PRECIADO, 2014, p.163).

Os limites entre o “natural” e o “artificial”, entre o “corpo” e a “máquina” não são traçados mais de maneira tão nítida. A prótese evidencia que a relação corpo/máquina não pode ser compreendida somente como um agrupamento de partes anódinas e articuladas conjuntamente, com uma finalidade de trabalho específico. A prótese alucinatória já é um ciborgue. O telefone, por exemplo, passa a ser entendido como uma prótese do ouvido que permite interlocutores distantes estabelecerem comunicação. Outro exemplo é a televisão,

que, como uma espécie de prótese, permite a um número indefinido de espectadores compartilharem uma experiência que é ao mesmo tempo comunitária e desencarnada. Nesta lógica, o corpo se conecta com seus órgãos prostéticos dando lugar a um novo nível de organização, colocando em questão a continuidade orgânica-inorgânica (PRECIADO, 2014).

Segundo Deborah Lupton (2014), estas tecnologias são participantes ativos que moldam corpos humanos e “eus” como parte de redes heterogêneas, criando novas práticas e conhecimentos. Ela ainda pensa que parte desse movimento em direção à introdução de dispositivos digitais e aplicativos associados, plataformas e sites que permitem às pessoas monitorar e medir suas atividades e funções corporais é, de alguma maneira, transformá-las em dados digitais quantificáveis. Essas práticas costumam ser chamadas de "auto-rastreamento" ou "quantificação do eu".

Os dispositivos tendem a ser retratados como contribuindo para os esforços dos usuários em aprender mais sobre si mesmos no interesse de melhorar suas vidas. Tecnologias digitais como *smartphones* com acelerômetros, sistemas de posicionamento global, microfones, câmeras, giroscópios e bússolas e dispositivos sem fio com sensores pequenos o suficiente para usar ou até mesmo inserir no corpo permitem que os usuários colem dados sobre suas atividades cotidianas e funções corporais, que podem então ser enviados para seus profissionais de saúde, redes de mídia social ou um grande número de outras pessoas anônimas.

Lupton traz a importância da dimensão da privacidade, segurança dos dados e a venda de *big data*. Muitos desenvolvedores de aplicativos armazenam seus dados na nuvem de computação e nem todos os identificadores de nome são removidos dos dados enviados por indivíduos – este acordo deve estar estabelecido e selado pela aceitação das políticas de privacidade. Uma vez que os dados foram enviados e arquivados, pode ser muito difícil apagá-los. Questões de privacidade são uma preocupação em relação a qualquer uso de dados das interações dos usuários com tecnologias digitais, mas nada parece tão grave quanto a circulação de dados extremamente pessoais, como estes sobre sexualidade e reprodução.

Poder pensar as políticas de privacidade destes aplicativos vem em consonância com o argumento de Araújo (2016), que afirma que proteger a privacidade das mulheres na

Internet significa reivindicar e defender o direito à autonomia e controle sobre seus próprios corpos. “A internet é extensão do nosso corpo e da vida cotidiana. E também é uma forma de garantir a livre circulação e expressão de ideias” (ARAÚJO, 2016, p. 8).

Há muitas outras realidades aqui envolvidas, pois os objetos performados não vêm sozinhos: trazem consigo outros modos e modulações. Desta maneira, compreendo que universalizar o que é a menstruação pode ser um risco, assim como determinar quais são os sintomas que importam ser monitorados durante a experiência do ciclo menstrual através de produtos e serviços de saúde que estão conectados, porém distantes da realidade daqueles que o utilizam. Há a menstruação que é vivida como “erro no sistema” por falta de gravidez, ou ainda há aquela que é vista como sinônimo de saúde, ou então como desregulação, como “sangria inútil” (COUTINHO, 1996), como benção sagrada... Um aplicativo com mais de 10 milhões de downloads ajuda a formar o mundo, a articular novas proposições, e talvez se faça prudente estar atentos a que outros arranjos, a que outras configurações de mundo estes aplicativos articulam e ajudam a performar.

Um mesmo aplicativo pode se prestar a diferentes papéis e atingir determinados públicos, a depender de como é o seu programa. Proponho analisar estes quatro aplicativos mencionados anteriormente e conhecer suas categorias, suas propostas de troca com *e* consumidore e suas políticas de segurança. Desta maneira, gostaria de pensar os aplicativos através de uma abordagem que vê as tecnologias de saúde digitais como artefatos sociais, culturais e materiais e envolvimentos corporais (LUPTON, 2014) que têm implicações políticas que constituem e formatam, limitando as possibilidades de definição e compreensão do que são os “ciclos menstruais”.

Além disso, os aplicativos também geram empregos, lucros, novas formas de trabalho, mobiliza empresas, mercado, consumidores, equipes de marketing, de design, pesquisas. E há, ao mesmo tempo, a despeito de quem o usa, sempre alguém lucrando com a produção destes dados e destes algoritmos (FELIZE; VARON, 2017). Quem é que está fazendo o trabalho concreto? Como afirma Mol (2003), as realidades alternativas se encontram umas dentro das outras e isto é o que pretendo investigar ao analisar estes aplicativos. Quais realidades estamos construindo e quais as implicações socioantropológicas disso? Longe de estar perto de conseguir responder a estas questões, elas estão fazendo ferver um caldeirão que está em pesquisa-fogo-brando.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, D. Mulheres e a segurança da informação: a trajetória de um Hackerspace feminista no Brasil. **IV Simpósio Internacional LAVITS**, Buenos Aires, 2016.

BOBEL, C. **From Convenience to Hazard: a short History of the Emergence of the Menstrual Activism Movement, 1971-1992**. In: *Health Care for Women International*, v. 29, n. 7, p.738-754, 2008.

BOBEL, Chris. **New blood: third-wave feminism and the politics of menstruation**. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press, 2010.

COUTINHO, E. **Menstruação, a sangria inútil**. São Paulo: Gente, 1996.

FELITTI, K. El ciclo menstrual en el siglo XXI. Entre el mercado, la ecología y el poder femenino. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro , n. 22, p. 175-208, abril, 2016 .

FELIZI, N. & VARON, J. (2017). **Menstruapps: Como transformar sua menstruação em dinheiro**. Disponível em <https://chupadados.codingrights.org/menstruapps-como-transformar-sua-menstruacao-em-dinheiro-para-os-outros/> Último acesso em 18/12/2017.

KLÖPPEL, B. **Aparatos de Produção Subjetivo-Corporais nas Práticas de Percepção da Fertilidade**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017.

HARAWAY, D. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: HARAWAY, Donna *et al.* *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 [1985].

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 5, n. 74, 1995.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: Nunes, J. A. & Roque, R. **Objetos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

MANICA, D.; NUCCI, M. Sob a pele: implantes subcutâneos, hormônios e gênero. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 93-129, Apr. 2017.

MANICA, D.; RIOS, C. (In)visible Blood: menstrual performances and body art. **Vibrant, Virtual Braz. Anthr.**, Brasília, v. 14, n. 1, p141-124, 2017.

MARTIN, E. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MOL, Annemarie. **The body multiple: Ontology in medical practice**. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

MOGLIA, M.L. *et al.* Evaluation of smartphone menstrual cycle tracking applications using and adapted APPLICATIONS scoring system. **Obstetrics and Gynecology**, v.127, n.1, p.153–1160, 2016.

OWEN, Lara. **Seu Sangue é Ouro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2015

ROHDEN, Fabiola. O corpo fazendo a diferença. **Mana**, v. 4, n. 2. p. 127-141, out. 1998.

SANTOS, A. C. A. **“Adeus Hormônios”:** concepções sobre corpo e contracepção na perspectiva das mulheres. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). 151 f. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018

WONS, Leticia. O poder simbólico da menstruação: discursos científicos sob o escrutínio das epistemologias feministas. **Revista Feminismos**, v.4, n.1, p.41-52, abr. 2016.